

## GT 11 – Informação & Saúde

### GRAPHIC MEDICINE COMO ELEMENTO FOLKCOMUNICACIONAL MULTIMODAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

#### *GRAPHIC MEDICINE AS A MULTIMODAL FOLKCOMMUNICATION ELEMENT: CONTRIBUTIONS TO HEALTH EDUCATION*

**Etefania Cristina Pavarina** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
(Unesp) Campus de Marília  
**Daniel Martínez-Ávila** – Universidad de León (ULE)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Este artigo explora o potencial da *graphic medicine* como ferramenta de comunicação popular na educação em saúde, considerando sua interface com os princípios da folkcomunicação. Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza teórica, com base na pesquisa bibliográfica. Os resultados indicam que essa integração promove narrativas mais contextualizadas, eficazes e inclusivas, por considerar princípios como horizontalidade, descentralidade e valorização dos saberes tradicionais. Conclui-se que a *graphic medicine*, aliada à folkcomunicação, é uma ferramenta poderosa para humanizar e democratizar a educação em saúde, ao explorar desafios físicos e emocionais de forma empática.

**Palavras-chave:** *graphic medicine*; folkcomunicação; competência em saúde.

**Abstract:** This article explores the potential of graphic medicine as a tool for popular communication in health education, considering its interface with the principles of folkcommunication. It is a qualitative, theoretical study based on bibliographic research. The results indicate that this integration promotes more contextualized, effective, and inclusive narratives by incorporating principles such as horizontality, decentralization, and the valorization of traditional knowledge. It is concluded that graphic medicine, combined with folkcommunication, is a powerful tool for humanizing and democratizing health education, as it empathetically addresses physical and emotional challenges.

**Keywords:** graphic medicine; folk-communication; health competency.

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação em saúde desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar e na prevenção de doenças, sendo fundamental para a disseminação de informações acessíveis e compreensíveis para diferentes públicos. No entanto, as estratégias tradicionais frequentemente se mostram limitadas na transmissão de conteúdos complexos para populações com diferentes níveis de Competência em Informação na área da Saúde.

Evidências sugerem que a apresentação estritamente textual de informações em saúde pode gerar sobrecarga cognitiva e dificuldades de compreensão por parte dos leitores (Lee; Lee-Geiller; Lee, 2020). Nesse contexto, a integração de recursos visuais, como narrativas verbo-visuais, surge como uma estratégia potencialmente mais eficaz (Branscum; Sharma, 2009). Com a integração de imagens, texto e formato relativamente curto, as histórias em quadrinhos (HQ's) fornecem uma opção para comunicar mensagens de saúde de forma eficaz (Rakower; Hallyburton, 2022).

Um gênero de história em quadrinhos que surge como uma linguagem eficaz no contexto da saúde é a *graphic medicine*, conceito que se refere ao uso de narrativas visuais para representar experiências de doenças, cuidados e prevenção. *Graphic medicine* é definida como um campo da literatura que integra o uso de HQ's na educação médica e na prestação de cuidados de saúde (Wombles, 2021). Esse tipo de quadrinhos é utilizado para traduzir conceitos complexos, reforçando a conexão entre profissionais da saúde e a comunidade, além de apontar uma área estratégica para bibliotecários e cientistas da informação em saúde. Diversos autores (Epstein, 2024; Pomputius; Tennant, 2023; Tuohy; Eannarino, 2018) tem apontado o potencial de bibliotecários da área da saúde para desenvolver coleções de *graphic medicine* em suas bibliotecas médicas, podendo inclusive até se envolver na criação de histórias em quadrinhos. Por outro lado, a linguagem multimodal da *graphic medicine*, favorece a aproximação com diferentes públicos, ao propiciar uma comunicação mais intuitiva, o que reforça seu potencial como ferramenta valiosa para a disseminação de informações científicas, promoção da literacia em saúde e o engajamento da comunidade.

Ao incorporar elementos da cultura popular e do cotidiano dos sujeitos, a *graphic medicine* pode se alinhar à perspectiva da folkcomunicação, conceito formulado por Beltrão (1980) para designar os processos comunicacionais informais e populares que emergem das práticas culturais e cotidianas das sociedades. Esses processos comunicativos nascem das tradições, saberes e expressões populares, distanciando-se dos modelos hegemônicos de comunicação.

Assim, a folkcomunicação oferece um quadro teórico-conceitual relevante para compreender o potencial das histórias em quadrinhos na educação em saúde. Ao integrar a *graphic medicine* a essa perspectiva, abre-se um caminho promissor para a criação de estratégias educativas que dialoguem diretamente com as realidades e necessidades das

comunidades, respeitando suas culturas e valores e os processos epistemológicos cognitivos específicos que permitem uma melhor organização e uso da informação.

Este artigo tem como objetivo analisar o potencial da *graphic medicine* como ferramenta de comunicação popular na educação em saúde, considerando sua interface com os princípios da folkcomunicação. A partir de uma abordagem teórica e exploratória, busca-se compreender de que maneira as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para promover a competência em saúde, facilitar a compreensão de informações médicas e estimular o engajamento de diferentes públicos no cuidado com a saúde.

A hipótese central é que a *graphic medicine*, ao se alinhar aos princípios da folkcomunicação, pode se tornar uma ponte eficaz para conectar o conhecimento científico e o conhecimento popular, ao contribuir para a democratização do conhecimento em saúde e o empoderamento das comunidades.

Ao investigar essa interseção, este estudo busca não apenas ampliar o entendimento sobre as estratégias comunicativas no campo da saúde, mas também oferecer *insights* para o desenvolvimento de materiais educativos e coleções que sejam culturalmente sensíveis e socialmente engajadas. Em um momento em que a desinformação e as desigualdades no acesso à saúde representam desafios globais, a integração de abordagens criativas e participativas, como a *graphic medicine*, pode ser um passo crucial para a construção de sociedades mais saudáveis e informadas. Assim, espera-se contribuir para a ampliação do debate sobre mídias populares e suas potencialidades na promoção do bem-estar coletivo.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentando-se em referenciais teóricos das áreas abordadas, configurando-se, assim, como uma pesquisa bibliográfica. Tal metodologia permitiu a constituição de uma análise crítica sobre a temática investigada. Para o levantamento bibliográfico, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci).

Os descritores adotados para a delimitação da pesquisa foram: “educação em saúde”, “informação em saúde”, “*graphic medicine*” e “folkcomunicação”. As combinações foram elaboradas de forma gradual e articulada, testando diferentes arranjos de operadores booleanos para ampliar a recuperação, evitando a aplicação simultânea de todos os termos.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

As estratégias utilizadas e os respectivos números de ocorrências foram registrados no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1 – Resultados das buscas nas bases de dados**

<b>Base de dados</b>	<b>String</b>	<b>Resultados</b>
Scopus	"health information" AND "graphic medicine"	3
	"health education" AND "graphic medicine"	9
Google acadêmico	title: ("health information" OR "health education") AND "graphic medicine"	172
	allintitle: FOLKCOMUNICAÇÃO "educação em saúde"	2
BRAPCI	informação em saúde AND graphic medicine	1
	Folkcomunicação	2
<b>Total</b>		<b>189</b>

**Fonte:** Elaboração própria, baseada em dados da pesquisa, 2025.

Em seguida, procedeu-se à seleção do *corpus* com base em critérios de inclusão: (i) pertinência temática, (ii) disponibilidade integral do texto, (iii) relação direta com pelo menos um dos eixos conceituais centrais e (iv) tipologia documental restrita a artigos científicos. Os critérios de exclusão contemplaram: (i) registros duplicados e (ii) ausência de abordagem relevante ao escopo da pesquisa.

Após coleta e limpeza dos dados, por meio de triagem e eliminação dos registros duplicados (n= 3), dos 189 artigos inicialmente recuperados, selecionaram-se 7 documentos para a amostra final, em razão da elevada especificidade do tema: Anderson; Wescom; Carlos (2016); Epstein (2024); Farthing; Priego (2016); McNicol (2017); Rakower; Hallyburton (2022); Tuohy; Eannarino (2018) e Wombles (2021). Complementarmente, recorreu-se a obras de referência sobre folkcomunicação, como Beltrão (1971; 1980; 2004; 2014) e Benjamin (2000), para fundamentar a análise teórica.

A análise foi pautada nos conceitos de *graphic medicine* e nos princípios folkcomunicacionais, permitindo uma interpretação baseada na inter-relação entre essas teorias para favorecer estratégias de educação em saúde. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, foi possível construir inferências e resultados que contribuíram para a compreensão crítica do objeto de estudo. Assim, nesse estudo, a análise interpretativa, fundamentada em Rosenthal (2014), seguiu três movimentos complementares e interdependentes:

- (i) Identificação e decomposição conceitual: consistiu no mapeado dos conceitos-chave presentes em cada uma das teorias, contemplando noções como "narrativa visual" e "literacia em saúde" no campo da *Graphic medicine*, bem

como “fluxo comunicacional popular” e “mediadores culturais” no âmbito da folkcomunicação;

- (ii) Estabelecimento de correspondências e analogias: buscou-se identificar convergências, divergências e complementaridade entre os conceitos de cada eixo teórico. Nesse processo, foi possível, por exemplo, relacionar o papel ativo do leitor na construção de HQ's de saúde à descentralização da comunicação e à valorização da linguagem popular preconizadas pela folkcomunicação, para evidenciar como tais abordagens podem, em conjunto, favorecer a apropriação de mensagens em saúde;
- (iii) Integração configuracional: etapa dedicada à elaboração de uma matriz interpretativa capaz de articular os conceitos mapeados, organizando-os em dimensões comuns (comunicação visual, mediação cultural, educação e empoderamento em saúde), conforme sistematizado no Quadro 2.

### **3 FOLKCOMUNICAÇÃO**

A folkcomunicação, conceito pioneiramente desenvolvido por Luiz Beltrão na década de 1960, representa um marco teórico fundamental para a compreensão dos processos comunicativos que emergem das práticas culturais e cotidianas das comunidades. Beltrão (1980, p. 24) define a folkcomunicação como “[...] o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Nesse sentido, a folkcomunicação emerge como um fenômeno comunicativo que se origina das expressões populares, distanciando-se dos modelos hegemônicos de comunicação massiva e privilegiando as narrativas e saberes tradicionais. Essa abordagem valoriza a cultura popular como um espaço legítimo de produção e disseminação de conhecimento, reconhecendo sua capacidade de influenciar e ser influenciada pelos contextos sociais em que está inserida, conforme ressalta Beltrão (1980, p. 28).

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Assim, essa teoria examina os processos comunicativos populares, destacando suas mensagens críticas e ideológicas, além de investigar o discurso das práticas culturais e suas representações simbólicas (Amphilo, 2013). Enquanto os grupos organizados, frequentemente associados à elite, têm acesso e capacidade de decodificar as mensagens dos meios de comunicação massivos, os grupos não organizados, compostos por massas urbanas ou rurais de baixa renda, muitas vezes, são consumidores passivos ou sequer expostos a esses meios, que exigem certa alfabetização para sua compreensão plena. Essa dinâmica reforça a marginalização desses grupos, excluindo-os de uma participação ativa no processo civilizatório (Beltrão, 1980).

Nesse contexto, Beltrão (1971; 1980) conduziu estudos que, a partir de uma análise sociopolítica do Brasil, identificaram lacunas e desigualdades na comunicação, destacando fatores de “truncamento” que impedem a fluidez comunicacional. Esses fatores incluem ruídos semânticos (as divergências entre o nível do enunciado e o da enunciação, fenômeno relacionado aos diferentes modos de utilização da linguagem e especialmente às diferenças entre a linguagem formal e a informal), a *doxa* (o filtro cultural que influencia a percepção do mundo), o *habitus*, o *modus vivendi* e o contexto de produção e recepção das mensagens, que podem alterar o sentido original da comunicação em diferentes cenários (Amphilo, 2013).

Nesse contexto, surge a necessidade de desenvolver um meio de comunicação que busque integrar os saberes tradicionais aos sistemas de comunicação formal, como o científico e o utilizado em campanhas governamentais, observando as formas como a maioria da população se comunica, ou seja, por meio de canais informais, muitas vezes ligados direta ou indiretamente ao folclore. Essa abordagem visa reduzir a lacuna teórica e conceitual que distancia os elementos da comunicação formal, que, embora perceptíveis, não eram plenamente acessíveis ou apropriados pelas massas.

Diante disso, a folkcomunicação, fundamentada em pressupostos funcionalistas, tem como objetivo promover o diálogo, o desenvolvimento, a integração social e as transformações sociais, além de facilitar a inter-relação entre sistemas comunicacionais formais e informais. Ao fazer fluir a informação no espaço social, ela supera a “incomunicação”, promove a paz social e integra as diversas comunidades que compõem o país, fortalecendo a coesão e a participação ativa de diferentes grupos sociais (Amphilo, 2013).

Um dos princípios centrais da folkcomunicação é a horizontalidade da comunicação, que contrasta com a verticalidade característica dos meios de comunicação tradicionais.

Enquanto estes últimos frequentemente operam em um modelo *top-down*, no qual a informação é transmitida de forma unidirecional, a folkcomunicação pressupõe uma relação dialógica e participativa entre emissores e receptores (Beltrão, 2014).

Outro princípio fundamental é a integração entre o conhecimento popular e o conhecimento científico. Nesse sentido, a folkcomunicação atua como uma ponte entre esses dois universos, facilitando a tradução de conceitos científicos em linguagens acessíveis e culturalmente relevantes (Beltrão, 1971). Assim, o foco se dá não apenas em democratizar o acesso ao conhecimento, mas também valorizar os saberes tradicionais, ao reconhecer sua importância para a construção de estratégias educativas mais eficazes e inclusivas.

A folkcomunicação também se caracteriza pela adaptabilidade às realidades locais. Diferente dos modelos de comunicação massiva, que frequentemente ignoram as especificidades culturais e sociais, a folkcomunicação é intrinsecamente contextualizada, adaptando-se às necessidades e particularidades de cada comunidade (Beltrão, 1980). Essa flexibilidade permite que as mensagens sejam transmitidas de forma mais eficiente, respeitando os valores, crenças e práticas locais.

Por fim, a folkcomunicação é marcada pela criatividade e inovação. Ao se apropriar de linguagens e expressões populares, como música, teatro, literatura de cordel e artes visuais, ela transforma a comunicação em um processo dinâmico e envolvente. Nesse sentido,

Do mesmo modo que os instrumentos de dominação se atualizam, atrelados às novas ferramentas tecnológicas, e reafirmam ainda mais o poder dos meios de comunicação, a audiência da folkcomunicação se reinventa e, a partir de sua criatividade, faz-se ainda mais atuante em resistência aos ditames dominantes (Santana; Azevedo; Santos Neto, 2021, p. 134).

Essa criatividade não apenas facilita a transmissão de informações, mas também promove o engajamento e a participação ativa das comunidades, fortalecendo o senso de pertencimento e coletividade.

#### **4 EDUCAÇÃO EM SAÚDE E NARRATIVAS SEQUENCIAIS**

A educação em saúde é um campo interdisciplinar que busca promover a conscientização, a prevenção de doenças e a adoção de comportamentos saudáveis por meio de estratégias educativas, apresentadas, principalmente, sob o enfoque de duas modalidades: Educação Permanente em Saúde (EPS) e educação continuada (Brasil, 2009).

A educação continuada é caracterizada por metodologias de ensino tradicionais, baseada em métodos expositivos e informativos, como palestras, folhetos e cartilhas, aplicadas de forma pontual e com períodos definidos, geralmente voltadas para a aquisição sequencial e acumulativa de conhecimentos técnico-científicos, seja em contextos institucionais ou não (Pavinati *et al.*, 2022).

Em contraste, a EPS surge como uma abordagem que visa ao desenvolvimento pessoal, profissional, cultural e social, baseando-se em um processo de ensino-aprendizagem no qual o indivíduo assume um papel ativo e autônomo, tornando-se gestor de sua própria educação (Brasil, 2009). Como proposta pedagógica, a EPS valoriza o sujeito, suas potencialidades e sua capacidade de interação, promovendo o compartilhamento de saberes e vivências e a (re)significação de práticas a partir dos desafios e adversidades enfrentados.

Nas últimas décadas, tem-se destacado a importância de metodologias mais engajadoras e participativas, capazes de superar as barreiras de comunicação e compreensão que frequentemente comprometem a eficácia das intervenções educativas. Isso demanda o desenvolvimento de estratégias e abordagens adequadas, tanto para assegurar a transmissão eficiente das mensagens quanto para avaliar se essas mensagens são efetivamente compreendidas e se resultam em mudanças significativas (Pagès; Azul; Santos, 2021).

Nesse contexto, as narrativas visuais sequenciais, que incluem a *graphic medicine*, emergem como uma ferramenta poderosa para a educação em saúde. As narrativas visuais sequenciais, como as tiras, as charges, as caricaturas, as *graphic novels* etc., têm a capacidade de transmitir informações complexas de maneira acessível e emocionalmente envolvente. Pagès, Azul e Santos (2021) discutem que, essas formas de narrativas, em geral, tendem a facilitar a imersão do público no conteúdo, promovendo uma maior identificação com as mensagens transmitidas e, conseqüentemente, uma maior adesão às práticas de saúde recomendadas. Isso ocorre porque a dimensão visual das narrativas torna os conceitos científicos mais concretos, ao representar e retratar estruturas e fenômenos que transcendem nossas experiências sensoriais cotidianas.

A teoria da comunicação visual de Dondis (1997) reforça a ideia de que as imagens são uma linguagem universal, capaz de transcender barreiras culturais e linguísticas. No campo da saúde, isso é relevante, considerando a diversidade de públicos e os diferentes níveis de alfabetização em saúde. As narrativas visuais sequenciais podem, portanto, democratizar o

acesso à informação, tornando-a mais inclusiva e adaptada às necessidades de grupos específicos, como crianças, idosos ou pessoas com baixa escolaridade (Houts *et al.*, 2006).

Além disso, as narrativas sequenciais alinham-se aos princípios da reflexão crítica no âmbito da educação saúde, alinhada às teorias de Freire (2005), ao estimular a reflexão e a autonomia dos indivíduos. Ao apresentar situações cotidianas e dilemas relacionados à saúde de forma visual, essas narrativas convidam o público a se identificar com os personagens e a refletir sobre suas próprias práticas e escolhas. Essa abordagem dialógica e participativa é essencial para a construção de um conhecimento significativo e transformador.

## **5 INTEGRAÇÃO ENTRE FOLKCOMUNICAÇÃO E GRAPHIC MEDICINE PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

A utilização de quadrinhos como meio de educação em saúde oferece uma linguagem visual eficaz, capaz de tornar temas complexos mais acessíveis e menos intimidadores para o público em geral, especialmente aqueles que não têm familiaridade com termos técnicos ou científicos. Diferente dos meios de comunicação convencionais, a *graphic medicine* se destaca por sua capacidade de alcançar grupos marginalizados, que possuem fluxos comunicacionais próprios, moldados pelas realidades locais e pelas necessidades de saúde específicas de suas comunidades. Esses grupos frequentemente enfrentam contextos de vulnerabilidade social e doenças mais prevalentes em suas condições de vida, o que exige estratégias de comunicação adaptadas e inclusivas.

### **5.1 O papel da *graphic medicine* na educação em saúde**

Estudos como o de Houts *et al.* (2006) destacam que os elementos visuais na comunicação aumentam significativamente a atenção dos leitores e melhoram a compreensão de informações relacionadas à saúde. Essa abordagem é reforçada por Yang *et al.* (2024), que demonstram as *graphic medicine* atuam como estratégias inovadoras para engajar públicos com baixa alfabetização científica e capacitar aqueles com maior conhecimento a processar informações de saúde de forma crítica. De forma semelhante, pesquisas na área de comunicação em saúde destacam que gêneros de quadrinhos como tira, charge, *cartoon* e *graphic medicine* são particularmente eficazes para transmitir mensagens de prevenção e promoção da saúde, especialmente em contextos de baixa literacia (Farthing; McNicol, 2017; Priego, 2016).

Isso porque a interação entre palavras e imagens nos quadrinhos facilita a retenção de informações, conforme argumentado por Ashwal e Thomas (2018). A sequencialidade das imagens substitui parágrafos de texto ao representar conceitos complexos de maneira mais intuitiva, além de possibilitar comparações visuais entre estados de saúde, doença e sintomas externos observáveis com processos fisiológicos internos, auxiliando na compreensão de condições médicas. Essas sequências podem incluir diálogos concisos em balões de fala ou legendas que complementam ou elucidam as informações visuais. Essa estratégia também favorece o reforço educacional, uma vez que os leitores tendem a reler e revisar o material.

Anderson, Wescom e Carlos (2016) destacam técnicas de justaposição visuais ao atrelá-las ao poder de representar pensamentos não verbalizados que são fundamentais para compreender a perspectiva do paciente. Além disso, técnicas de manipulação de imagens, como alteração de perspectiva, variação de fundo e cortes, evidenciam de maneira eficaz os componentes-chave da experiência de cuidado. A modificação visual do texto, por meio de diferentes fontes ou tamanhos, enfatiza a importância que pacientes ou médicos atribuem a determinados pensamentos, revelando discrepâncias de perspectiva. Os autores destacam que o *design* dos personagens, como a escolha de gênero e o estilo visual, pode influenciar o engajamento emocional dos leitores. Essas sutilezas, baseadas em práticas da cultura dos quadrinhos, podem ser aplicadas para criar materiais direcionados a públicos específicos.

Outra importante perspectiva no desenvolvimento e estudo das *graphic medicine* no âmbito da educação em saúde está no ambiente acadêmico. A educação médica tradicional tende a ser focada em teorias, dados e evidências clínicas. No entanto, o uso de quadrinhos enriquece essa formação ao apresentar as experiências humanas de forma mais tangível.

Os quadrinhos sobre saúde possuem potencial educacional na formação médica, auxiliando no registro de experiências e na compreensão de desafios físicos e emocionais das doenças (Humphrey, 2022). Além de informar pacientes, as narrativas sequenciais contribuem para o desenvolvimento artístico, emocional e estratégico dos estudantes de medicina (Squier, 2015). Estudos indicam que sua inclusão no currículo pode aumentar a empatia dos futuros médicos, promovendo uma compreensão mais profunda das experiências de dor, incerteza, medo e recuperação dos pacientes (Green; Myers, 2010).

## 5.2 Intersecção entre *graphic medicine* e os princípios folkcomunicacionais

Na teoria da folkcomunicação, a classificação dos fenômenos da comunicação popular, proposta por Beltrão (1980) e atualizada por Melo (2008), divide os gêneros folkcomunicacionais em quatro categorias: oral, visual, icônico e cinético. As *graphic medicine* se enquadram predominantemente no gênero visual, uma vez que utilizam as narrativas gráficas sequenciais para transmitir informações sobre saúde, tradicionalmente em formatos impressos, como histórias em quadrinhos e *graphic novels*. No entanto, no cenário multimodal atual, essas narrativas podem ser adaptadas para plataformas digitais, como *websites* e redes sociais, ampliando seu alcance e interatividade. Essa evolução exige a revisão das classificações teóricas para abarcar as dinâmicas comunicacionais da cultura digital.

No contexto da folkcomunicação, a eficácia de uma mensagem depende fundamentalmente da escolha do código, do conteúdo e do tratamento da mensagem (Berlo, 1960), uma vez que são os signos veiculados que permitem aos leitores realizar operações de decodificação e tradução, transformando os signos em ideias e, posteriormente as ideias em significados para a apropriação de informação.

Nesse sentido, Amphilo (2019) ressalta que, a seleção do código mais adequado pelo emissor é uma etapa crucial no processo de comunicação. Essa escolha deve levar em consideração o público receptor, adotando um sistema de códigos compartilhado entre ambos e utilizando um canal acessível e livre de ruídos, sejam eles técnicos ou semânticos. Tais cuidados são essenciais para que a mensagem seja compreendida de maneira eficaz, permitindo a obtenção do *feedback* esperado e do efeito desejado. Isso significa que, para ser eficaz, a *graphic medicine* deve apropriar-se do universo simbólico e cultural do público-alvo, empregando linguagem e estilo visual familiares e contextualmente relevantes.

Essa abordagem ressoa com a perspectiva de Beltrão (2004) sobre a folkcomunicação, entendida como um complexo processo dialógico de interação coletiva com *feedback*, fator que ressalta a importância da cocriação na produção de *graphic medicine*. A pesquisa de Logie *et al.* (2024) demonstra, na prática, a efetividade dessa metodologia ao desenvolver histórias em quadrinhos em colaboração com comunidades. No estudo desenvolvido pelos autores, jovens refugiados vítimas de abuso sexual participaram ativamente, contribuindo com *feedback* sobre o desenho da pesquisa e interpretação dos dados, além de participarem de oficinas e *workshops* de criação de HQ's no contexto de oferta de cuidados clínicos de saúde

pós-estupro com foco em sobreviventes. Os resultados indicaram que as HQ's foram percebidas como uma ferramenta "educativa e interativa", facilitando sessões de ensino e promovendo maior empatia e cuidado centrado na pessoa, considerando o contexto vivenciado. Além disso, o formato mostrou potencial para aprimorar habilidades e confiança dos profissionais de saúde, reforçando seu valor como recurso comunicativo e educativo.

Nesse sentido, destacam-se as características de fluxo comunicativo popular, dinâmico e coletivo da folkcomunicação como fundamentais para a contextualização da *graphic medicine*, uma vez que sua eficácia depende da interação entre os conteúdos produzidos e as experiências dos receptores. Oficinas e *workshops* com as comunidades são estratégias valiosas para que autores e pesquisadores compreendam melhor as necessidades do público e criem materiais mais representativos alinhados às realidades das comunidades, uma vez que essas atividades permitem que seja consideradas opiniões, demandas e visões de mundo dos leitores/pacientes. Essa abordagem alinha-se aos princípios da folkcomunicação, que valorizam os saberes tradicionais e experiências da comunidade, além da adaptação da mensagem ao contexto cultural, social, político e ideológico do público-alvo, promovendo uma comunicação horizontal e democrática. Além disso, reforça a importância de uma comunicação que não apenas informa, mas também dialoga e se adapta ao universo simbólico do público, por destacar o impacto educativo e social de determinado material informacional.

Assim, as *graphic medicine* podem ser adaptadas para diferentes contextos sociais, incorporando elementos culturais específicos de cada região. O envolvimento de profissionais de saúde e comunicadores populares na elaboração dessas narrativas é essencial para garantir que o material produzido seja acessível, eficaz, informativo e fidedigno com informações sobre doenças e tratamentos.

A *graphic medicine* alinha-se à horizontalidade e descentralidade dos processos comunicacionais, ao incorporar a opinião de leitores e comunidades em sua criação e ao demonstrar potencial no ambiente acadêmico, enriquecendo a formação de estudantes de medicina e impactando profissionais da saúde, conforme evidenciado por Humphrey (2022).

No bojo das discussões propostas por Amphilo (2019), verifica-se que no processo folkcomunicacional, a informação emerge das classes subalternas (infraestrutura) e se desloca para a superestrutura, adquirindo caráter simbólico. Esse conteúdo é decodificado tanto pelo folkcomunicador, atuando como especialista (quadrinista, profissional da saúde e/ou bibliotecário), quanto pelos agentes de *folk* (leitores e/ou pacientes). Posteriormente, a

informação é reprocessada por meio de meta-ferramentas ou meta-linguagens, tornando-se acessível e sendo compartilhada democraticamente. Essa dinâmica alia-se à *graphic medicine*, onde quadrinistas e pesquisadores apropriam-se do universo simbólico das manifestações de condições de saúde e doença apresentadas pelos leitores e pacientes, redirecionando os sentidos das narrativas para fins informacionais e educativos.

Nesse contexto, a folkcomunicação relaciona-se diretamente com iniciativas de educação em saúde, como as desenvolvidas por organizações de pesquisadores e profissionais da saúde, incluindo a Associação de *Graphic medicine*<sup>1</sup>. Essas instituições, tanto públicas quanto privadas, utilizam manifestações culturais e sociais para conscientizar sobre doenças e promover a prevenção, como modo de reforçar identidades e visibilizar questões urgentes, como a COVID-19 (Joshi; Venkatesan, 2023).

Assim, os quadrinistas, no processo de construção da narrativa junto ao público, devem priorizar ações com sensibilidade para a promoção dos interesses daqueles indivíduos, com especial atenção para o uso e o entendimento das *graphic medicine*, as necessidades e os saberes tradicionais imbuídos na cultura do grupo específico, bem como suas preocupações, medos e anseios, que devem ser representados para garantir a identificação e a promoção do sentimento de pertencimento, acolhimento e representatividade, objetivando a construção de uma relação de empatia com o público.

Dada a análise realizada e considerando os tópicos e áreas de estudo da folkcomunicação levantados por Benjamin (2000), propõe-se que os elementos da comunicação *folk* podem ser integrados na criação e recepção das *graphic medicine* para fortalecer sua aplicação na educação em saúde da seguinte forma:

**Quadro 2** – Relação das áreas de folkcomunicação com as *graphic medicine*

Área/tópico	Relação com <i>Graphic Medicine</i> e Educação em Saúde
1. A comunicação (interpessoal e grupal) ocorrente na cultura <i>folk</i> (Produção de mensagem)	<i>Graphic medicine</i> pode integrar narrativas de saúde oriundas da cultura <i>folk</i> , utilizando histórias e experiências locais para ampliar a comunicação sobre temas médicos de forma acessível e eficaz.
2. A mediação dos canais <i>folk</i> para a recepção da comunicação de massas (Recepção)	Os quadrinhos sobre saúde podem atuar como um canal intermediário entre a cultura <i>folk</i> e a comunicação médica, ajudando comunidades a interpretar e internalizar mensagens sobre saúde.
3. A apropriação de tecnologias da comunicação de massas e o uso dos canais massivos por portadores da cultura <i>folk</i> (Produção)	Comunidades podem usar ferramentas gráficas e digitais para criar narrativas próprias sobre saúde, utilizando a linguagem dos quadrinhos para promover o conhecimento popular.

<sup>1</sup> Para mais informações acesse: <https://www.graphicmedicine.org/graphic-medicine-international-collective/>.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Área/tópico	Relação com <i>Graphic Medicine</i> e Educação em Saúde
<b>4. A presença de traços da cultura de massas absorvidos pela cultura <i>folk</i> (Recepção/efeitos)</b>	Elementos visuais e narrativos da mídia de massa podem ser incorporados em <i>graphic medicine</i> para tornar os temas de saúde mais acessíveis e atraentes para diferentes públicos.
<b>5. A apropriação de elementos da cultura <i>folk</i> pela cultura de massas e pela cultura erudita (projeção do folclore) (Produção/efeitos da mensagem)</b>	<i>Graphic medicine</i> pode transformar saberes tradicionais em representações visuais consumidas tanto na academia quanto no grande público, valorizando o conhecimento popular na educação em saúde.
<b>6. A recepção na cultura <i>folk</i> de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massas (Recepção/efeitos)</b>	A popularização do <i>graphic medicine</i> pode incentivar comunidades a reinterpretar suas próprias histórias e conhecimentos sobre saúde, promovendo uma educação em saúde mais participativa e significativa.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar a comunicação como um dos pilares fundamentais para a educação em saúde tem-se um desafio significativo para profissionais, pesquisadores e estudiosos comprometidos em auxiliar pacientes e indivíduos com doenças. Embora os profissionais de saúde já utilizem estratégias para conscientizar seus pacientes, a complexidade de muitas doenças, a vulnerabilidade social de grupos com baixos índices de alfabetização e o advento das novas tecnologias, que geram um fluxo intenso de informações, exigem o desenvolvimento de abordagens inovadoras. Assim, torna-se essencial criar estratégias que garantam o acesso à informação em saúde para grupos marginalizados, permitindo que eles se apropriem desses conhecimentos de maneira eficaz, indo além dos meios tradicionais de comunicação.

Diante desse cenário, a *graphic medicine* emerge como um produto da cultura de massa, que é difundido globalmente e de fácil acesso e compreensão. Verificou-se nessa pesquisa que a folkcomunicação oferece um arcabouço teórico valioso para potencializar o impacto das *graphic medicine*, uma vez que a integração com seus princípios fortalece sua aplicação na educação em saúde, para promover uma comunicação mais eficaz, inclusiva e contextualizada. A incorporação de saberes populares permite que as narrativas sejam contextualizadas e significativas, o que aumenta a identificação e o engajamento do público.

O uso de linguagem acessível e códigos compartilhados assegura que a mensagem seja compreendida de forma eficaz. A cocriação e participação comunitária garantem que as narrativas reflitam as necessidades e experiências autênticas do público.

A adaptação a contextos locais amplia a relevância e o impacto das narrativas, enquanto a horizontalidade e descentralização promovem um processo comunicativo

democrático e colaborativo. As *graphic medicine* também podem fortalecer identidades e visibilizar questões urgentes, como a COVID-19, de maneira acessível e impactante.

Por fim, ao integrar elementos da folkcomunicação, as *graphic medicine* contribuem para a humanização da educação em saúde, explorando desafios físicos e emocionais de forma empática. Essas estratégias consolidam as *graphic medicine* como uma ferramenta poderosa para a promoção da saúde, alinhada aos valores de acessibilidade, representatividade e diálogo com as comunidades.

## REFERÊNCIAS

AMPHILO, M. I. Fundamentos teóricos da folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade**, [s.l.], v. 35, n. 1, p. 89-110, 2013.

AMPHILO, M. I. Processos folkcomunicacionais. In: NOBRE, I. M.; LIMA, M. E. O. (org.). **Cartografia da folkcomunicação: o pensamento regional brasileiro e o itinerário da internacionalização**. Campina Grande: EDUEPB, 2019. p. 377-413.

ANDERSON, P. F.; WESCOM, E.; CARLOS, R. C. Difficult doctors, difficult patients: building empathy. **Journal of the American College of Radiology**, [s.l.], v. 13, n. 12, p. 1590-1598, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jacr.2016.09.015>

ASHWAL, G.; THOMAS, A. Are comic books appropriate health education formats to offer adult patients? **AMA journal of ethics**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 134-140, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1001/journalofethics.2018.20.2.ecas1-1802>

BELTRÃO, L. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BENJAMIN, R. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2000.

BERLO, D. K. **Processos Comunicacionais**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.

BRANSCUM, P.; SHARMA, M. Comic books: an untapped medium for health promotion. **American Journal of Health Studies**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 430-439, 2009.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 64 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). (Série Pactos pela Saúde 2006, v. 9). Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pacto\\_saude\\_volume9.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pacto_saude_volume9.pdf). Acesso em: 04 fev. 2025.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

EPSTEIN, H. A. B. Health Literacy in Graphic Medicine: medical comics and graphic pathologies. **Journal of Consumer Health on the Internet**, [s.l.], v. 28, n.1, p. 56–62, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/15398285.2024.2330868>

FARTHING, A.; PRIEGO, E. “Graphic Medicine” as a Mental Health Information Resource: insights from comics producers. **The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship**, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 1-23, 2016. DOI: <https://doi.org/10.16995/cg.74>

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GREEN, M. J.; MYERS, K. R. Graphic medicine: Use of comics in medical education and patient care. **BMJ**, [s.l.], v. 340, p. 574–577, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.c863>

HOUTS, P. S. *et al.* The role of pictures in improving health communication: a review of research on attention, comprehension, recall, and adherence. **Patient Education and Counseling**, [s.l.], v. 61, n. 2, p. 173-190, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pec.2005.05.004>

HUMPHREY, A. Graphic medicine and health professional education: an internship comic book case study. **Focus on Health Professional Education**, [s.l.], v. 23, n. 2, 2022.

JOSHI, I. A.; VENKATESAN, S. Don't touch anything': tactility, COVID-19, and graphic medicine. **Visual Studies**, v. 39, n. 4, p. 477–490, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/1472586X.2023.2231406>

LEE, T. D.; LEE-GEILLER, S.; LEE, B-K. Are pictures worth a thousand words? the effect of information presentation type on citizen perceptions of government websites. **Government Information Quarterly** v. 37, n. 3, p. 1-12, 2020.

MCNICOL, S. The potential of educational comics as a health information medium. **Health Information & Libraries Journal**, [s.l.], v. 34, n. 1, p. 20-31, 2017.

MELO, J. M. **Mídia e cultura popular: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

PAGÈS, M. A.; AZUL, A. M.; SANTOS, J. R. The use of comics to promote health awareness: a template using nonalcoholic fatty liver disease. **European Journal of Clinical Investigation**, [s.l.], v. 52, n. 3, 2021.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

PAVINATI, G. *et al.* Tecnologias educacionais para o desenvolvimento de educação na saúde: uma revisão integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [s.l.], v. 26, n. 3, 2022. Disponível em:  
<https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/8844/4286>. Acesso em: 15 fev. 2025.

POMPUTIUS, A.; TENNANT, M. R. Assessing health students' knowledge of and perceived utility and effectiveness of Graphic Medicine materials. **Medical Reference Services Quarterly**, [s.l.], v. 42, n. 4, p. 330–345, 2023. DOI:  
<https://doi.org/10.1080/02763869.2023.2260674>

RAKOWER, J.; HALLYBURTON, A. Disease information through comics: a graphic option for health education. **Journal of Medical Humanities**, [s.l.], v. 43, p. 475-492, 2022. DOI:  
<https://doi.org/10.1007/s10912-022-09730-9>

ROSENTHAL, G. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. Porto Alegre: EdiPucrs, 2014.

SANTANA, F.; AZEVEDO, D. S.; SANTOS NETO, A. A. Ativismo folkcomunicação e práticas de resistência das culturas populares na pandemia da Covid-19 em Sergipe. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [s.l.], v. 19, n. 43, p. 127–145, 2021. Disponível em:  
<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19545>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SQUIER, S. M. Graphic medicine in the university. **Hastings Center Report**, [s.l.], v. 45, n. 3, p. 19–22, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/hast.446>

TUOHY, P.; EANNARINO, J. Reading graphic medicine at the National Library of Medicine. **Journal of the Medical Library Association**, [s.l.], v. 106, n. 3, p. 387-390, 2018. DOI:  
<https://doi.org/10.5195/jmla.2018.449>

WOMBLES, C. Graphic Medicine: Comics as a Patient Education Resource. **Journal of Consumer Health on the Internet**, [s.l.], v. 25, n. 3, p 310–318, 2021. DOI:  
[10.1080/15398285.2021.1949937](https://doi.org/10.1080/15398285.2021.1949937).

YANG, S. *et al.* Bridging gaps in COVID-19 vaccine knowledge: effects of multimodal narratives on message elaboration and recall across science literacy levels. **Clinical Epidemiology and Global Health**, [s.l.], v. 28, p. 101681, 2024. DOI:  
<https://doi.org/10.1016/j.cegh.2024.101681>